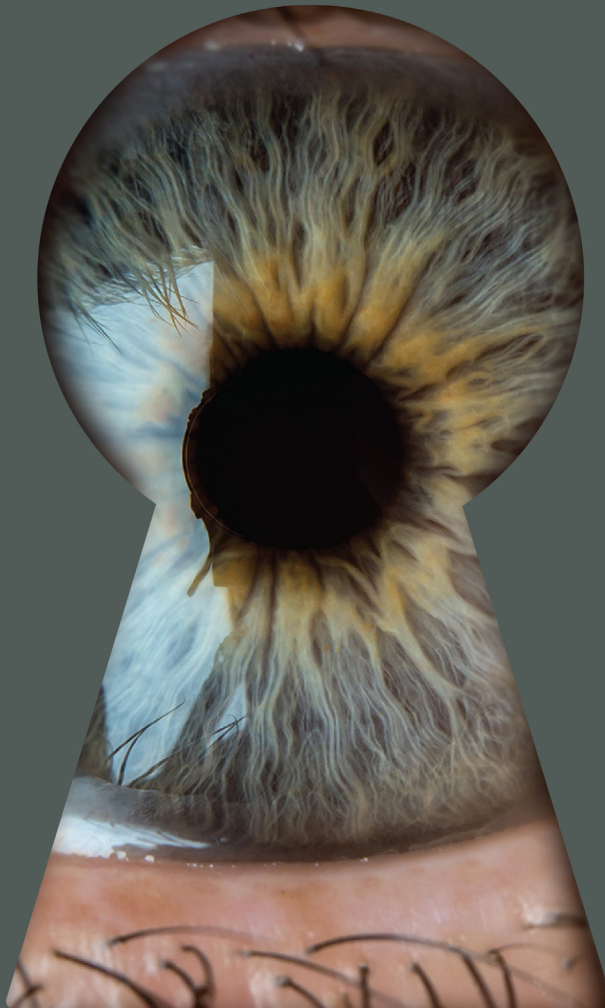


VOL IV

# Ciências Humanas:

## Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro  
Gustavo Adolfo Juarez  
(Organizadores)

 EDITORA  
ARTEMIS  
2022

VOL IV

# Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão  
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro  
Gustavo Adolfo Juarez  
(Organizadores)

 EDITORA  
ARTEMIS  
2022

2022 by Editora Artemis  
Copyright © Editora Artemis  
Copyright do Texto © 2022 Os autores  
Copyright da Edição © 2022 Editora Artemis



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizadoras</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
<b>Imagem da Capa</b>	Artem Oleshko
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal



Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima  
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México  
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina  
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina  
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina  
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco  
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru  
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile  
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla – La Mancha*, Espanha  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES – Centro Universitário de Mineiros  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol IV / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-57-6

DOI 10.37572/EdArt\_260522576

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Professores – Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## PRÓLOGO

*“Las normas morales, al igual que las hipótesis y técnicas científicas, deben ser compatibles con los principios de nivel superior, en este caso, las máximas morales y metaéticas del sistema en cuestión. En el caso del agatonismo, el máximo principio es «Disfruta la vida y ayuda a otros a vivir una vida digna de ser disfrutada»”*

Mario Bunge

*Buenos Aires, 21 de septiembre de 1919 - Canadá, 24 de febrero de 2020  
A la caza de la realidad (2007). Barcelona. España. Editorial Gedisa S.A., p.373*

Este volumen IV del libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade** surge como una continuación de los volúmenes anteriores.

Destacándose como la sociedad se manifestó luego del inicio de la pandemia de SARS CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2), asumiendo con mayor énfasis la importancia de las relaciones humanas, como consecuencia del duro aislamiento que ese periodo significó. Por lo tanto, observamos en el tratamiento Holístico que los autores reunidos en esta obra, asumen en las distintas temáticas propuestas, pretendiendo aportar al bienestar general, alentando a la búsqueda de nuevos conocimientos. Tales autores, pertenecientes a diversas regiones del mundo, participan con fines de aportar al desarrollo del bien común, mostrando la forma de contribuir al fortalecimiento de un lazo humanístico, reconociendo los nuevos componentes del ambiente, dados en oportunidades por la tecnología, el método híbrido, los saberes ancestrales, la dimensión emocional presente en las distintas edades, labores y género, entre otros. Indudablemente todo esto, nos lleva a reflexionar en nuestro quehacer diario, el propósito deseado de perdurar la existencia, conservando el ambiente.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

## PRÓLOGO

*“Las normas morales, al igual que las hipótesis y técnicas científicas, deben ser compatibles con los principios de nivel superior, en este caso, las máximas morales y metaéticas del sistema en cuestión. En el caso del agatonismo, el máximo principio es «Disfruta la vida y ayuda a otros a vivir una vida digna de ser disfrutada»”*

Mario Bunge

*Buenos Aires, 21 de septiembre de 1919 - Canadá, 24 de febrero de 2020  
A la caza de la realidad (2007). Barcelona. España. Editorial Gedisa S.A., p.373*

Este volume IV do livro intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade** surge como continuação dos volumes anteriores.

Destacando como a sociedade, se manifestou após o início da pandemia de SARS CoV-2 (Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave), assumindo com maior ênfase a importância das relações humanas, como consequência do duro isolamento que esse período significou. Por isso, observamos no tratamento Holístico que os autores reunidos neste trabalho, assumem nos diferentes temas propostos, pretendendo contribuir para o bem-estar geral, estimulando assim a busca de novos conhecimentos. Tais autores, pertencentes a várias regiões do mundo, participam de forma a contribuir para o desenvolvimento do bem comum, mostrando como contribuir para o fortalecimento de um vínculo humanístico, reconhecendo os novos componentes do meio ambiente, oportunizados pela tecnologia, a método híbrido, saberes ancestrais, a dimensão emocional presente em diferentes idades, profissões e gêneros, entre outros. Sem dúvida, tudo isso nos leva a refletir, sobre nosso trabalho diário o objetivo almejado de continuar a existir, conservando o meio ambiente.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos-lhes uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO  
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1.....1**

SUSTENTABILIDADE E DESIGN: UMA REVISÃO HISTÓRICA

Carlos Viana da Silva

Vinicius Gadis Ribeiro

Fábio Gonçalves Teixeira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225761](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225761)

### **CAPÍTULO 2..... 16**

LA ACUSMÁTICA GENERADA POR LOS ESCENARIOS DE ELECTRIC DAISY CARNIVAL (EDC) EN LA CIUDAD DE MÉXICO

Citlaly Aguilar Campos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225762](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225762)

### **CAPÍTULO 3.....23**

EMOTIONAL AND AFFECTIVE LOGIC IN UNIVERSITY TEACHER RESEARCH TRAINING-19

Derling José Mendoza Velazco

Janeth Elizabeth Salvador Moreno

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225763](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225763)

### **CAPÍTULO 4 .....37**

LA TOMA DE DECISIONES Y SU DIMENSIÓN EMOCIONAL

Josefina Álvarez-Justel

Núria Pérez-Escoda

Èlia López-Cassà

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225764](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225764)

### **CAPÍTULO 5.....47**

THE DOLMNS OF NORTH KOREA - THE PECULIAR STRUCTURE -

Ha Moonsig

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225765](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225765)



**CAPÍTULO 6..... 65**

HISTÓRIA DO SISTEMA CIRCULATÓRIO: EVOLUÇÃO DOS CONHECIMENTOS

João Carlos Mateus

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225766](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225766)

**CAPÍTULO 7 .....76**

LA COMBINACION DE EJERCICIOS FÍSICOS Y ALIMENTACIÓN ADECUADA COMO TRATAMIENTO DE LA OBESIDAD EN NIÑOS EN EDAD PREESCOLAR

Johanna Margoth Povea Cevallos

Paolina Castro

Damián Enrique Dattus Torres

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225767](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225767)

**CAPÍTULO 8.....97**

OS RECURSOS NA FAMÍLIA EMPRESÁRIA: UMA VANTAGEM COMPETITIVA PARA A SUSTENTABILIDADE

Jorge José Martins Rodrigues

Maria Amélia André Marques

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225768](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225768)

**CAPÍTULO 9.....126**

CORRELACIÓN ENTRE MASTICACIÓN, APRENDIZAJE Y MEMORIA EN NIÑOS Y PRE ADOLESCENTES

Karen Vanesa Rhys

María Eugenia Méndez Bovio

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2605225769](https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225769)

**CAPÍTULO 10..... 141**

O BEM E O MAL: A DISPUTA PEDAGÓGICA PELA ALMA INDÍGENA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DAS AMÉRICAS

Leandro Lente de Andrade

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_26052257610](https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257610)

**CAPÍTULO 11..... 146**

EL REALISMO TRANSCENDENTAL DE LA CERTEZA SENSIBLE. LA COSA EN SÍ Y EL ESTO Y LA SUPOSICIÓN

Leonardo Filippi Tome

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_26052257611](https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257611)

**CAPÍTULO 12 .....157**

ANÁLISIS ESTRATÉGICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS DE PSICOLOGÍA: COMPARANDO EL APRENDIZAJE HÍBRIDO CONTRA EL AULA DE CLASE

Luis Fernando González Beltrán

Olga Rivas García

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_26052257612](https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257612)

**CAPÍTULO 13 .....165**

ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS EN EDUCACIÓN AMBIENTAL

María Amelia Scoppa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_26052257613](https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257613)

**CAPÍTULO 14.....179**

ANDANDO NA LINHA: DISCIPLINA E SOCIABILIDADES NO TRANSPORTE URBANO DE SÃO LUÍS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

María das Graças do Nascimento Prazeres

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_26052257614](https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257614)

**CAPÍTULO 15 ..... 190**

LA CONDICIÓN HUMANA COMO EXPERIENCIA ORIGINARIA DE LA ESPERANZA Y DE LA FORMACIÓN

Ma. Dolores García Perea

Ana Ma. Mata Pérez

Leticia del Carmen Ríos Robles

Ana Leticia Martínez Mata

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_26052257615](https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257615)

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>205</b>
CRÓNICA Y VOTOS DEL PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE CRIMINOLOGÍA (BUENOS AIRES 1938)	
Mariana Angela Dovio	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257616">https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257616</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>216</b>
CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS PARA LA ELABORACIÓN DE UNA PROSPECCIÓN ARQUEOLÓGICA UTILIZANDO HERRAMIENTAS SIG	
Miguel Ángel Mora	
Francy Paola Monroy Álvarez	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257617">https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257617</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>227</b>
DESENHO DO TRABALHO (WORK DESIGN): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Silvana Regina Ampessan Marcon	
Lília Aparecida Kanan	
Nicole Cecatto Fontana Diniz	
Sabrina Goetttert de Britto	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257618">https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257618</a>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>250</b>
LA MANCHA Y TEJIDO URBANO MEDIANTE LA GEORREFERENCIACIÓN DE CARTOGRAFÍA HISTÓRICA	
Verónica de la Cruz Zamora Ayala	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257619">https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257619</a>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>263</b>
LA PRESENCIA DE LOS EVANGÉLICOS EN LA ARENA POLÍTICA URUGUAYA	
Victoria Sotelo	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257620">https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257620</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>283</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>285</b>

# CAPÍTULO 11

## EL REALISMO TRANSCENDENTAL DE LA CERTEZA SENSIBLE. LA COSA EN SÍ Y EL ESTO Y LA SUPOSICIÓN<sup>1</sup>

Data de submissão: 10/02/2022

Data de aceite: 15/03/2022

**Dr. Leonardo Filippi Tome<sup>2</sup>**  
UNSAM- CONICET, Argentina

**RESUMEN:** El presente trabajo explora la suposición (Meinen) de la Certeza Sensible en relación con el problema de la “cosa en sí” en el contexto de una crítica al realismo transcendental. Para ello realizaremos una breve comparación entre el primer posicionamiento del pensamiento frente a la objetividad (Metafísica) tal y como se expone en los *Vorbegriffe* de la Enciclopedia,

<sup>1</sup> El presente trabajo fue presentado y publicado con el título «*La “cosa en sí” como supuesto de la certeza sensible: una crítica al realismo de la conciencia natural*» en *Lo real: dimensiones teóricas y prácticas: actas de las VII Jornadas Nacionales de Filosofía Moderna*; editado por Romina Pulley; Eduardo Assalone. Mar del Plata: UNMP, 2019. Esta versión se encuentra revisada, resumida y corregida.

<sup>2</sup> Leonardo Filippi Tome es doctor en filosofía. Realizó sus estudios de grado y postgrado en la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM). Argentina. Ha realizado sus estudios de doctorado como becario CONICET-UNSAM. Su tesis lleva por título: “*Génesis y concepto de las figuras de la conciencia*”. Una lectura histórico-sistemática de la primera sección de la “*Fenomenología del espíritu*” de Hegel.” Colabora como investigador en el Laboratorio de Investigación en Ciencias Humanas (LICH). Forma parte de la Sociedad Iberoamericana de Estudios Hegelianos (SEH). [lfilippitome@unsam.edu.ar](mailto:lfilippitome@unsam.edu.ar).

y el punto de vista que la conciencia tiene del esto u el objeto en la primera figura de la Fenomenología del espíritu.

**PALABRAS CLAVES:** Cosa en sí. Conciencia. Sensibilidad. Fenomenología. Idealismo.

### THE TRANSCENDENTAL REALISM OF SENSE-CERTAINTY. THE THING IN ITSELF AND THE THIS AND THE SUPPOSITION

**ABSTRACT:** This paper explores the assumption (Meinen) of Sensible Certainty in relation to the problem of the “thing in itself” in the context of a critique of transcendental realism. For this we will make a brief comparison between First Attitude of Thought to Objectivity (Metaphysics) as it is exposed in the *Vorbegriffe* of the Encyclopedia, and the point of view that consciousness has of this or the object in the first figure of the Phenomenology of the spirit.

**KEYWORDS:** Thing in itself. Consciousness. Sensitivity. Phenomenology. Idealism.

### 1 INTRODUCCIÓN

El primer capítulo de la *Fenomenología de espíritu* de Hegel (abr. Phg) arroja la siguiente paradoja: por un lado, esta figura representa una certeza; por el otro, una suposición. De allí el título completo de esta figura: *La certeza sensible o el esto y la suposición* (abr. CS).

Pero esta figura no contiene sólo un supuesto, sino varios. El más notable es el que Hegel menciona de manera explícita. Dicho en muy pocas palabras la cuestión sería más o menos la siguiente: La CS cree que por medio de la intuición sensible se relaciona con determinados objetos, «concretos» y «singulares». Pero como demostrará esta dialéctica en realidad su objeto es lo «abstracto» y lo «universal». El lenguaje mismo, dirá Hegel, da cuenta de esta universalidad refutando así nuestra suposición; cuando digo “esto” no digo ningún objeto en particular, tal y como supongo, sino todo esto en general, es decir, «el esto universal» (*das allgemeine Diese*). Lo mismo sucede con el “Yo”. Cuando digo “este” supongo un yo singular, pero en realidad no digo ningún este en concreto, sino todo yo en general. “Yo”, es una indicación universal que vale lo mismo para cualquier yo que lo enuncie o lo piense.

El tema por tratar en esta ocasión tiene que ver con otro de los supuestos relacionados con la dialéctica del *este* y el *esto* de la CS. Básicamente este supuesto tematiza la concepción realista (metafísica) que la conciencia natural tiene de los objetos sensibles y su fundamento último, vale decir: la idea de que las cosas sensibles son algo en sí mismas, cuya “realidad” (*Wirklichkeit*) es absolutamente independiente de la conciencia que la concibe. Dicha concepción, por lo tanto, lleva implícita de alguna manera la idea de “cosa en sí” (*Ding an sich*).

Como es sabido, la noción de “cosa en sí” se encuentra en referencia a la filosofía crítica. Partiendo de la distinción entre fenómeno y noúmeno, Kant, se sirvió de este concepto como un elemento clave para la distinción entre el *idealismo* y el *realismo transcendental*. La filosofía crítica sólo concede realidad efectiva (*Wirklichkeit*) a los fenómenos determinados en la idealidad transcendental del espacio y el tiempo que, como tales, no pueden existir fuera de la intuición sensible. Por el contrario, según se afirma en la *Crítica de la Razón Pura*: «el realista transcendental se representa los fenómenos externos (si se admite la efectiva realidad de ellos [*Wirklichkeit*]) como cosas en sí mismas, que existen independientemente de nosotros y de nuestra sensibilidad [...]». (Kant, KrV, A369). En la filosofía transcendental el supuesto de la cosa en sí se encuentra de este modo en el centro de la crítica a la metafísica dogmática. Lo que la cosa sea en sí misma, en la medida que no pertenece al ámbito de los fenómenos, queda por lo tanto excluida de toda experiencia posible. Ni es objeto de conocimiento posible, ni se puede predicar la existencia de ella, más que como un supuesto. Se trata en definitiva de dos posturas completamente diferentes donde el concepto de cosa en sí establece el límite entre una y otra. Dicho concepto por consiguiente divide las aguas entre el realismo e idealismo transcendental. Sabemos también, que este concepto sumamente problemático ha dado lugar a un sin número de discusiones e interpretaciones entre los postkantianos

de finales del siglo XVIII. El así denominado “escándalo de la cosa en sí” mantuvo en vilo a la generación Reinhold (1758-1823) Maimon (1754-1800) Beck (1761-1840) y Schulze (1761-1833), impulsando el surgimiento del idealismo alemán cuyos máximos representantes acabarán siendo Fichte, Schelling y Hegel. No es este el lugar para entrar en detalles sobre todo lo que este problema representa. Pero hay que señalar que la importancia de esta discusión y la solución o no de este problema implica entre otros temas la posibilidad o imposibilidad del idealismo entendido como un sistema coherente de la razón. Como sostiene Eusebi Colomer:

Kant, en efecto, hizo del «yo pienso», de la conciencia que acompaña toda representación, el principio supremo del conocimiento. Nada puede ser conocido que no esté en relación con el «yo pienso». En Kant, sin embargo, subsiste un elemento exterior a la autoconciencia, la cosa en sí, que permanece por ello esencialmente desconocida. Los idealistas advierten inmediatamente en el planteamiento kantiano la mezcla discordante de dos puntos de vista incompatibles: la aposterioridad del empirismo y la aprioridad del idealismo. Admitir con Kant una cosa en sí independientemente de todo conocimiento es a sus ojos un radical sinsentido. La cosa en sí, el único obstáculo que impide al «yo pienso» convertirse en principio absoluto, constituye la raíz de todas las aporías del kantismo. La cosa en sí es solo un estorbo inútil y embarazoso. (Colomer, 2006, p. 13).

La noción de “cosa en sí” puede entenderse en al menos dos sentidos. Simplificando demasiado las cosas diríamos: 1- Como un sustrato material de los objetos percibidos, vale decir, como una sustancia real. En cuyo caso el término “cosa en sí” expresa la esencia del objeto intuido sensiblemente, esto es, lo que las cosas son verdaderamente en sí mismas independientemente de lo que el sujeto pueda o no conocer acerca de ellas. Esta concepción se corresponde en términos generales con el realismo. 2- En un sentido muy diferente, podemos pensar la cosa en sí como un «objeto transcendental» y correlato del fenómeno, esto es, en todo caso, como un objeto dado solo al pensamiento, mas no a la intuición sensible, sino solo como noúmeno. (Kant, KrV, A 250) Esta concepción corresponde al idealismo transcendental y sus derivados. El punto de vista que la conciencia natural tiene del *esto* (el objeto) y que pondremos a consideración en este caso se corresponde, *mutatis mutandi*, al primero. Mientras que el punto de vista del “*este*” (el yo) representa más bien al segundo. Ambas concepciones están representadas en esta dialéctica del *esto* y el *este*. En este sentido, en la dialéctica del *esto* y el *este* encontramos una contraposición entre el realismo y el idealismo, donde el resultado indica que mediante ninguno de estos dos puntos de vistas conocemos lo que las cosas son en verdad. En el primero, la conciencia peca de un objetivismo realista e ingenuo; en el segundo, sin embargo, de un subjetivismo idealista e igualmente ingenuo. Por cuestiones de extensión nos referimos en este caso solo al punto de vista realista que la conciencia tiene de los objetos.

## 2 EL SUPUESTO DE LA CERTEZA SENSIBLE

Comencemos por el principio. Evidentemente la cuestión aquí es la sensibilidad y su certeza. ¿Qué intuimos cuando percibimos sensiblemente? ¿De qué modo las cosas afectan nuestra intuición? ¿Cuánta certeza provee la sensibilidad? ¿Qué estatus ontológico tienen los objetos sensibles? Etc. Puesto en estos términos podría pensarse que se trata aquí de un problema de naturaleza cartesiano. Pero “certeza” aquí no debe ser tomada en ese sentido. La CS no es un primer principio absoluto sobre el cual poder erigir el nuevo edificio de la ciencia, como el *cogito*, sino apenas un supuesto, aun por ser depurado. Menos aún sería esto posible cuando de lo que se trata es del saber sensible. Hay tal vez algún punto en común, señala Ludwig Siep: «Hegel sigue también en cierta medida el método cartesiano de ejercer la duda en principio sobre la sensibilidad. Pero para él no se trata de la confiabilidad en nuestros sentidos, sino de una tesis sobre el saber». (Siep, 2015, p. 84). En realidad son caminos en uno y otro caso muy diferentes, y todavía podríamos decir más, tal vez sean inversos. En efecto, Descartes parte de la duda sobre el saber sensible y llega a la certeza, Hegel, por el contrario, parte de la certeza y lo que confirma a través de esta experiencia es algo más que la mera «duda» (*Zweifel*); es la «desesperación» (*Verzweiflung*, como se verá al final del capítulo). En rigor, todas estas son preguntas que han encontrado a lo largo del tiempo distintos tipos de enfoque y, por lo tanto, también distintos tipos de respuestas. En este sentido, la diversidad de «posicionamientos» (*Stellungen*) en torno a dicha temática van desde el realismo al idealismo, pasando por el racionalismo y el empirismo, hasta las distintas teorías del conocimiento, la epistemología y la ontología. En los *Vorbegriff* de la *Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas* (abr. *Enz*) encontramos una síntesis de estos posicionamientos. (Hegel, 2010, §19- 83). Sobre tales posicionamientos volveremos más adelante. Antes de ello precisemos primero cuál es el punto de vista de Hegel sobre tales cuestiones correspondiente a esta primera figura. Hay que señalar que en este caso el enfoque de Hegel es el de una *fenomenología* del espíritu, con todas las particularidades y dificultades que sabemos que esto implica.

La PhG pretende comEnzar con nuestra conciencia ordinaria de las cosas (*das natürliche Bewusstsein*), y llevarnos desde ahí a la perspectiva verdadera del Geist. El trabajo es llamado una «fenomenología» porque trata del modo como las cosas aparecen a la conciencia o de las formas de la conciencia [...] Pero “aparición” aquí no debe ser contrastada con “realidad”; lo que es más real, lo absoluto, es esencialmente auto-apariencia. La fenomenología no es una ciencia de cosas menores, que pudieran dejarse atrás, sino un modo de acceder al conocimiento absoluto, de hacer lo absoluto “aparente”. (Taylor, 2010, p. 112).

La CS versa sobre la relación entre la conciencia y sus objetos de conocimientos, concretamente: en la medida que éstos se manifiestan fenoménicamente en la intuición

sensible. Esta es la relación más inmediata, simple y básica de la conciencia con respecto al saber. Se trata de un saber que, en principio, no es un saber de sí, sino de lo otro de sí. La CS reproduce una dialéctica “similar” (mas no igual desde luego) a la de Schelling y Fichte. Una dialéctica, salvando las diferencias, entre el Yo y el No-Yo. (Hyppolite, 1991, p. 73).

La conciencia, por su parte, es en esta certeza solamente como puro yo, y yo soy en ella solamente como puro éste y el objeto, asimismo, como puro esto. (Hegel, 1979, p. 82)

Desde el principio la cuestión se plantea como una relación inmediata (*Beziehung unmittelbare*) entre la conciencia y la cosa. La noción de “cosa” no tiene aún la determinación de la «cosa en sí» (en el sentido de *ding an sich*). En esta relación inmediata lo esencial consiste en que lo que se manifiesta es el puro ser de la cosa (*die Sache*).

Yo, éste, no estoy cierto de esta cosa [Sache] porque me haya desarrollado aquí como conciencia y haya puesto en marcha el pensamiento de diversos modos. Ni tampoco porque la cosa [die Sache] de que estoy cierto sea en ella misma, atendiendo a multitud de diversas cualidades, una relación plena de riqueza o un múltiple comportamiento con respecto a otras. Nada de esto interesa a la verdad de la certeza sensible; ni el yo ni la cosa tienen aquí la significación de una mediación múltiple; el yo no significa un representarse o un pensar múltiple, ni la cosa tiene la significación de múltiples cualidades, sino que la cosa es, y es solamente porque es; ella es: he ahí lo esencial para el saber sensible, y este puro ser o esta inmediatez simple constituye la verdad de la cosa. Y asimismo la certeza, como relación, es una pura relación inmediata [*Beziehung unmittelbare*]: la conciencia es yo y nada más, un puro éste; el singular sabe un puro esto o lo singular. (Hegel, 1979, p. 82).

Uno de los problemas que subyace a la CS es cómo las cosas externas afectan a la intuición, como el puro ser se relaciona con el puro yo. Esta figura se identifica con el punto de vista de «la conciencia natural» (*Das natürliche Bewußtsein*). (Hegel, 1979, p. 89). Aquí, la pura aprehensión sensible de «la cosa» (*die Sache*) constituye el «saber inmediato» (*unmittelbare Wissen*) en el cual la conciencia deposita su «certeza» (*Gewißheit*). Dicha certeza, sin embargo, consiste tan sólo en un hecho que puede describirse de manera muy simple, esto es: no hay dudas de que lo que se manifiesta se manifiesta tal y como es intuido. Puede decirse que la CS piensa en estos términos: «siendo nuestro objeto el saber tal como se manifiesta, por el momento tomaremos sus determinaciones a la manera como inmediatamente se ofrecen, y no cabe duda de que se ofrecen del modo como las hemos captado». (Hegel, 1979, p. 75). Como si la CS digiera: veo lo que veo tal y como lo veo. Ciertamente nadie podría cuestionarlo. «No cabe duda de que [las cosas sensibles] se ofrecen del modo como las hemos captado». (p. 75). Ni siquiera Descartes, que duda de todo, pondría cuestionar esto. Hay intuiciones sensibles, es un hecho. Sobre este hecho hay plena certeza. Desde luego, esta no es la certeza de la autoconciencia, sino la certeza



meramente sensible, pero se trata en fin de una certeza; la cosa es, simplemente porque es. Pero visto por el lado del supuesto de esta figura la cosa es diferente. Por el contrario, acreditar si tales intuiciones se corresponden efectivamente con “objetos reales”, vale decir, que captamos la verdad de las cosas tal y como ellas son en sí mismas tan solo mediante la intuición, es otro problema muy distinto. El mero dato de la intuición resulta insuficiente a la hora de responder a esta cuestión. No podemos determinarlo sin antes asumir un supuesto o establecer algún tipo de conjetura. Así planteada la cuestión existen solo dos posibilidades, o bien damos por cierto que hay adecuación o correspondencia entre lo que la cosa es y el modo en el cual se manifiesta ante la conciencia natural, o bien no la hay. Cualquiera de las dos posibilidades implica tomar una posición determinada, lo cual no es más que un supuesto. Haciendo un juego de palabras podríamos decir que para la conciencia tomar posición (cualquiera sea), implica una su-posición, vale decir, es tanto un poner como un suponer. Ambos puntos de vista, que están representados tanto en el *esto* como en el *este*, son ciertamente puntos de vista de la conciencia; son modos opuestos y contradictorios de considerar la misma relación. Acerca de todo esto trata la certeza y el supuesto de la conciencia en esta figura. Hay que ser muy precisos en esta cuestión: el supuesto no radica solamente en creer que pueda o no (lo mismo da en ese sentido) haber tal correspondencia o adecuación entre lo que la cosa sea en verdad y lo que la cosa es para la conciencia que la intuye. El supuesto consiste, además, en creer que las categorías de verdad y realidad, que son en rigor modos de relacionarse entre la conciencia y sus objetos de representación, pueden acaso ser definidas de manera absoluta por fuera de esta «pura relación» [*reine Beziehung*]. Lo que significa en última instancia suponer que hay cosa en sí. El saber es ya la relación misma, pues como afirma Hegel en la Introducción: no podemos salir por fuera de esta relación para ver (saber) como son las cosas en sí mismas. Asumir sin más que existen tales cosas en sí mismas reales y verdaderas independientemente de esta relación constituye aquí el supuesto originario de la conciencia natural. De este hecho puntual, de esta certeza y de esta misma suposición será precisamente de lo que se nutre la dialéctica de la CS. Volvamos sobre la siguiente cuestión: ¿de qué modo se manifiesta la cosa en el saber sensible? Paradójicamente, dirá Hegel, el «contenido concreto de este saber» que no es otra cosa que el conocimiento inmediato que la conciencia tiene de su objeto (tal y como este se manifiesta), se presenta «como el conocimiento más rico» en grado superlativo. (Hegel, 1979, p. 82). Tanto más aún, se dirá, como un conocimiento de una «riqueza sin límites», casi infinito. (p. 82) Pero al final de esta experiencia se reconocerá que esto no es más que un mero supuesto, ya que en rigor se trata del contenido «más pobre» y «abstracto». (p. 82). ¿Pero cómo se explica esta diferencia? Una forma de comprender en que se

basa esta diferencia es atendiendo a la «oposición» (*Gegensatzes*) fundamental que se haya en la esencia misma de la conciencia y los supuestos que ello conlleva: la oposición sujeto-objeto.

### 3 OPOSICIÓN SUJETO-OBJETO

La CS parece una figura fácil de comprender si uno se deja guiar por el grado de simplificación que se suele encontrar en ciertos comentaristas. Pero no lo es. No está de más aclararlo. La mayor dificultad reside en todo caso en poder dimensionar en toda su magnitud los verdaderos problemas filosóficos que esta figura expone, que indudablemente son varios. No hay que esmerarse demasiado, sin embargo, para asimilar que la dialéctica del *esto* y el *este* refiere indirectamente a las nociones de *sujeto* y *objeto*. Esa es, si se quiere, la parte fácil. Lo difícil, no obstante, reside en todo lo que ello implica. En uno de los clásicos de la literatura acerca de la *Phg*. Jean-Pierre Labarrière afirma que:

La “certeza sensible”, al principio de la obra, exige, para comprender su verdad y particularidad estructural, que se vuelque en ella toda la problemática que define las relaciones entre sujeto y objeto, tal como la explana con máximo alcance la recapitulación de las diferentes fases de la filosofía occidental. (Labarrière, 1985, p. 31).

Labarrière no abunda en detalles acerca de lo que debería entenderse por “toda esta problemática”, pero nos da una pista importante. Como lo hemos anticipado, una recapitulación tal (de las diferentes fases de la filosofía occidental o, por lo menos, de la filosofía moderna) podemos encontrarla de manera muy clara y sintética en los *Vorbegriff* de la *Enciclopedia* (Enz). Aquí Hegel retoma el punto de partida de la filosofía moderna resumiendo los tres posicionamientos principales del pensamiento (léase: conciencia - Sujeto) frente a la objetividad (conciencia - Objeto). Todos estos «posicionamientos» (*Stellungen*) o, puntos de vistas, son ciertamente pre-supuestos, o diríamos más bien «*Vorbegriff*» (lit. preconceptos). Todos tienen su basamento de una forma u otra en la distinción sujeto – objeto, y como tales, tienen aquí también en la CS relación directa con la dialéctica del *esto* y el *este*. Sin pretender realizar aquí una comparación exhaustiva entre los *Vorbegriff* y la CS tal vez podamos ver si algo de todo aquello nos permite interpretar algunas cuestiones relacionadas con esta figura. El primero de estos posicionamientos lleva por título *Metafísica* y dice así:

La primera actitud es el proceder ingenuo [das unbefangene] que sin [tener] aún conciencia de la oposición [Gegensatzes] del pensar dentro de sí y frente a sí [esto es la oposición sujeto-objeto], incluye la creencia [Glauben] en que, mediante la reflexión [Nachdenken], conoce la verdad [die Wahrheit erkannt], o sea, que ha sido llevado ante la conciencia lo que los objetos [Objekte] son verdaderamente. (Hegel, 2010, §26)

Mucho de esta actitud metafísica hay en la CS, principalmente desde el punto de vista del esto (el objeto). Así debemos entender algunas de las afirmaciones de dicha figura. La conciencia cree que mediante la mera aprehensión sensible han sido llevada ante ella «lo que los objetos son verdaderamente»; esto es, en pocas palabras, las cosas tal y como ellas son en realidad. Pues bien, si comparamos esta descripción de los *Vorbegriff* con la *Fenomenología*, vemos que ya al comienzo de la CS Hegel se expresa de manera diferente, pero semánticamente dice lo mismo que allí:

Este conocimiento [el inmediatamente sensible] se manifiesta, además, como el más verdadero, pues aún no ha dejado a un lado nada del objeto, sino que lo tiene ante sí en toda su plenitud. (Hegel, 1979, 82).

En esta figura la conciencia adopta la misma posición de la metafísica ingenua precisamente por carecer de conciencia acerca del verdadero significado de la oposición (sujeto –objeto). (Hegel, 2010, §27) En la CS la conciencia que sabe o conoce (sujeto) y lo sabido (cosa-objeto) se enfrentan como dos cosas esencialmente distintas la una de la otra. O al menos, esto es lo que la conciencia sensible supone.

En ella, lo uno está puesto [ist - gesetzt] como lo que es [Seiende] de un modo simple e inmediato o como la esencia [Wessen], es el objeto [der Gegenstand]; en cambio, lo otro lo está como lo no esencial y mediado, que es allí no en sí [nicht an sich], sino por medio de un otro, el yo, un saber [ein Wissen] que sólo sabe el objeto porque él es [er ist] y que puede ser o no ser. Pero el objeto es, es lo verdadero y la esencia; es indiferente [gleichgültig] a ser sabido o no; y permanece, aunque no sea sabido; en cambio, el saber no es si el objeto no es. (Hegel, 1979, 82).

Aunque no se diga explícitamente, aún, el objeto ya tiene aquí todos los rasgos distintivos de una cosa en sí, tal y como se concibe en el *realismo transcendental*. Se presenta como una sustancia real de carácter ontológico que es independiente al sujeto que la conoce (la conciencia) cuyo signo distintivo es precisamente la permanencia y la indiferencia. El objeto «está puesto», vimos en la cita anterior, como «lo que es» [Seiende], esto es: simplemente como un ente. Y, añade Hegel, «es indiferente [gleichgültig] a ser sabido o no», pues «permanece, aunque no sea sabido». (p.82) El objeto pues, para la CS, es una mera cosa en sí, un ente que se enfrenta al sujeto en el sentido etimológico de la palabra Gegenstand. La oposición como tal ya está dada en la CS misma como una oposición aun irresuelta. Ella no alcanza a comprender todavía que se trata en rigor de la oposición no solamente inmediata sino al mismo tiempo mediata. En este sentido, advierte Hegel:

Si nosotros reflexionamos acerca de esta diferencia, vemos que ni el uno ni los otros son en la certeza sensible solamente como algo inmediato [unmittelbar], sino, al mismo tiempo, como algo mediado [vermittelt]; yo tengo la certeza por

medio [durch] de un otro, que es precisamente la cosa [die Sache]; y ésta, a su vez, es en la certeza por medio de un otro, que es precisamente el yo. (Hegel. 1979, 82).

Pero la conciencia natural que aún no alcanza a concebir esta relación en toda su dimensión «vive con esta fe» en la realidad de los objetos externos, es decir, con esta creencia ingenua de suponer que en lo sensible están dados los «objetos» tal y como ellos son en «verdad». (Hegel, 2010, §28). La conciencia sensible se encuentra muy lejos por el momento de resolver esta contradicción. Tal oposición será retomada en las próximas figuras como materia de reflexión de oposiciones cada vez más elevadas. En ella, en su suposición más concretamente, se gesta el drama espiritual que desencadena la *Ciencia de la experiencia de la conciencia*.

#### 4 LA CRÍTICA AL REALISMO

A modo de conclusión podríamos decir que en este paralelo que hemos esbozado entre la CS y los *Vorbegriff* y, en lo que refiere al punto de vista del *esto*, la conciencia se comporta como el primer posicionamiento de manera ingenua, metafísica y dogmática. Pero la experiencia misma que ella alcanza del objeto refuta su pauta y, entonces, la conciencia asume como nueva pauta buscar la certeza y la verdad por el lado del *este*. El lado del *este*, a su vez, contiene mucho de lo representado en el segundo posicionamiento (que aquí no hemos trabajado). Se trata de un subjetivismo escéptico, pero no menos dogmático, encarnado principalmente por el empirismo y la filosofía crítica. La CS no encontrará la mentada “realidad” en la oposición simple, ni de un lado ni del otro, sino en la totalidad. Pues, la experiencia de la conciencia es la totalidad de estos momentos:

Por donde llegamos al resultado de poner la totalidad de la certeza sensible misma como su esencia, y no ya sólo un momento de ella, como sucedía en los dos casos anteriores, en que su realidad debía ser primeramente el objeto contrapuesto al yo y luego el yo. Así, pues, sólo es la certeza sensible misma en su totalidad la que se mantiene en ella como inmediatez, excluyendo así de ella toda la contraposición [Entgegensetzung] que en lo anterior se encontraba. (Hegel, 1979, 86).

Este movimiento de la conciencia, que ha pasado por la mediación de la experiencia para retornar a su propia inmediatez de la intuición sensible, lejos de superar la oposición más bien la consolida en cuanto tal y termina decantando en el concepto de cosa en sí. La oposición reaparecerá ahora en las próximas figuras, *Percepción*, *Entendimiento*, etc. Hegel señala que la CS realiza siempre esta experiencia, llegando a este resultado por sí misma: «pero en seguida vuelve a olvidarlo y reinicia el movimiento desde el principio». (p.89). En este contexto y llegando a las últimas páginas de este primer capítulo, Hegel formula una serie de críticas al realismo ingenuo que este punto de vista implica.

Es, pues, sorprendente que, frente a esta experiencia, se presente como experiencia universal y también como afirmación filosófica y hasta como resultado del escepticismo, el que la realidad o el ser de las cosas exteriores, en cuanto estos o cosas sensibles, tienen verdad absoluta para la conciencia. Semejante afirmación no sabe lo que dice, ni sabe que dice cabalmente lo contrario de lo que se propone decir. (Hegel, 1979, p. 89).

En efecto, Hegel añade un poco más adelante:

Quienes formulan semejante afirmación dicen, con arreglo a las anteriores observaciones, directamente lo contrario de lo que suponen, y este fenómeno es tal vez el que mejor se presta a llevamos a reflexionar acerca de la naturaleza de la certeza sensible. Hablan de la existencia [Dasein] de los objetos externos [äußerer Gegenstände], que cabe determinar todavía con mayor precisión como cosas [Dinge] reales [wirkliche], absolutamente singulares, totalmente personales e individuales, cada una de las cuales no tiene ya su igual absoluto, y dicen que esa existencia posee certeza y verdad absolutas. Suponen [meinen] este trozo de papel en que escribo, o mejor dicho he escrito, esto; pero no dicen lo que suponen. Si realmente quisieran decir este trozo de papel que suponen y esto es lo que quieren decir esto es imposible, ya que el esto sensible supuesto es inasequible [unerreichbar] al lenguaje, que pertenece a la conciencia, a lo universal en sí. [...] Suponen, por tanto, indudablemente este trozo de papel, que aquí es completamente otro que el de arriba; pero hablan de “cosas reales [Wirkliche Dinge], de objetos externos o sensibles, de esencias absolutamente individuales”, etc.; es decir, sólo dicen de ellos lo universal; por tanto, lo que se llama lo inexpresable no es sino lo no verdadero, lo no racional, lo simplemente supuesto [bloß Gemeint]. (Hegel, 1979, p. 90-91).

El concepto de cosa en sí, expresado con la fórmula Ding an sich aparece ya con más claridad hacia el final de la CS, y concretamente como una crítica al realismo, por lo que, solo reconstruyendo este contexto llegamos a comprender en rigor más cabalmente de qué se trataba esta dialéctica. Hegel parece estar convencido de haber demostrado la verdadera naturaleza de la manifestación sensible e inmediata. Por último, nos gustaría concluir con una cita cuyas enigmáticas palabras tal vez se comprendan mejor en función de lo expuesto.

A este respecto, cabe decir a quienes afirman aquella verdad y certeza de la realidad [Realität] de los objetos sensibles que debieran volver a la escuela más elemental de la sabiduría, es decir, a los antiguos misterios eleusinos de Ceres y Baco, para que empezaran por aprender el misterio del pan y el vino, pues el iniciado en estos misterios no sólo se elevaba a la duda [Zweifel] acerca del ser de las cosas sensibles, sino a la desesperación de él [Verzweiflung], ya que, por una parte, consumaba en ellas su aniquilación, mientras que, por otra parte, las veía aniquilarse a ellas mismas. Tampoco los animales se hallan excluidos de esta sabiduría, sino que, por el contrario, se muestran muy profundamente iniciados en ella, pues no se detienen ante las cosas sensibles como si fuesen cosas en sí [Dingen als an sich], sino que, desesperando de esta realidad [Realität] y en la plena certeza de su nulidad, se apoderan de ellas sin más y las devoran; y toda la naturaleza celebra, como ellos, estos misterios revelados, que enseñan cuál es la verdad de las cosas sensibles [der sinnlichen Dinge]». (Hegel, 1979, 90).

## REFERENCIAS

Colomer, E. (2006). El pensamiento alemán de Kant a Heidegger. Tomo II. Herder.

Hegel, G. W. F. (1979) Werke. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe. Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel, Frankfurt a. M.: Suhrkamp.

-Phänomenologie des Geistes. W Bd. 3. Traducción: Wenceslao Roces, México, D.F. Fondo de Cultura Económica. 1981.

-Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse. Hegel-W Bd. 8: Traducción: Enciclopedia de las ciencias filosóficas en compendio: para uso de sus clases. Ramón Valls Plana, Madrid: Alianza, 2010.

Hyppolite, J. (1991). Génesis Y Estructura De La Fenomenología Del Espíritu De Hegel. Barcelona, España: Península.

Kant, I. (1900). Kritik der reinen Vernunft, en Gesammelte Schriften, Bd. III-IV, Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin, 1900. Traducción. Kant, I. Crítica de la razón pura. Trad. Mario Caimi. Buenos Aires: Colihue, 2007.

Labarriere, P-J (1985). La fenomenología del espíritu de Hegel: introducción a una lectura. México: Fondo de Cultura Económica.

Pinkard, T (2002). Hegel: una biografía. Madrid: Acento.

Siep, L. (2015) and Rendón C. Emel. El Camino De La Fenomenología Del Espíritu: Un Comentario Introductorio Al "escrito Sobre La Diferencia" Y La "fenomenología Del Espíritu" De Hegel. Barcelona: Anthropos, 2015.

Taylor, C. (2010). Hegel. Anthropos.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO:** Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

**GUSTAVO ADOLFO JUAREZ:** Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que

permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acusmática 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22  
Adolescência 37, 46, 78, 87  
Agenda de derechos 263, 264, 272, 281  
Alimentación 76, 80, 81, 83, 84, 94, 95, 126, 127, 131, 139, 140, 173  
Análisis de textos 157, 159, 161, 163, 164  
Aprendizaje híbrido 157, 163  
Autobiografía 141

### B

Boundaries of grave 47, 49, 50, 55

### C

Capital social familiar 97, 108, 110  
Características do trabalho 228, 229, 231, 234, 237, 242  
Cartografía histórica 250, 251, 252, 260  
Cidade 4, 9, 69, 70, 76, 179, , 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189  
Circulação pulmonar 65, 66, 68, 70, 71, 72  
Circulação sistémica 66, 70  
Claudius Galenus 65, 66, 69  
Comprensión lectora 157, 158  
Conciencia 39, 44, 86, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 175, 191, 200, 201, 203  
Condição humana 190, 191, 192, 193, 195, 203  
Congressos 163, 164, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 255, 257  
Continuous research 23  
Cosa en sí 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 155  
Criação de valor transgeracional 97, 99, 106, 111, 116, 118  
Criminología 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215

### D

Desarrollo cognitivo y cuestionario 126, 128, 129  
Desenho do Trabalho 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243

Design 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Didáctica 37, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 273

Dieta blanda 126, 140

Dimensão emocional 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

## E

Educação 10, 13, 15, 117, 141, 144, 187, 227, 235, 242

Educación ambiental 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178

Ejercicios físicos 76, 91, 95

Emotions 23, 27, 28, 32, 33, 35, 37, 46

Empresa familiar 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124

Esperanza 79, 162, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 203, 204, 217, 270, 271, 272, 280

Estrategias 39, 103, 106, 112, 158, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 211, 216, 218, 225, 234, 237, 238, 239

Estudiantes de Psicología 157, 164

Evangélicos 263, 264, 266, 269, 271, 272, 273, 276, 279, 281, 282

Exemplo 6, 9, 12, 71, 117, 141, 186, 228, 229, 231, 234, 235, 236, 238, 242

## F

Família empresária 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 124

Fenomenología 146, 149, 153, 156

Festivales musicales 16, 19

Formación 23, 24, 35, 89, 94, 158, 164, 167, 173, 175, 177, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 210, 212, 252

Formación y dispositivo de formación 191

Funciones cognitivas 126, 127, 128, 129, 137, 138, 139

Funeral rites 47, 49, 50, 56, 62, 64

## G

Georreferenciación 250, 251, 253, 254, 261

## H

Humanism 23, 26

## I

Idealismo 146, 147, 148, 149  
Interacción 16, 19, 43, 78, 224  
Interacción social 16

## J

Jesuítas 141, 142, 144

## L

Lonchera escolar 76, 83

## M

Mancha urbana 250, 258, 259, 260, 261  
Masticación 126, 127, 128, 129, 137, 138, 139, 140  
Methods of constructing dolmens 47, 52  
Metodologías 12, 65, 165, 166, 167, 168, 219, 267  
Missão 77, 141  
Modernização 179, 183, 189

## N

North Korea 47, 48, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 58, 60, 61, 62

## O

Obesidad infantil 76, 79, 82, 96

## P

Partition of a grave pit 47, 57  
Política 9, 13, 98, 122, 168, 186, 196, 205, 208, 210, 214, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282  
Procesos metodológicos 216  
Projeto de Trabalho 228, 229, 231, 233, 234, 237, 239  
Prospección arqueológica 216, 218, 222, 223, 224, 225, 226

## R

Religión 263, 264, 265, 267, 270, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282  
Revisão bibliográfica 1, 227

## S

Secundaria 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 166, 177, 219, 260

Sensibilidade 146, 147, 149

Sistema circulatório 65, 66, 67, 75

Sistema de Informação Geográfica 216, 217, 218, 222, 251, 253

Sociedades científicas 205

Sonido 16, 18, 19, 20, 21

Sustentabilidade 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 97, 98, 99, 109

## T

Teacher training 23, 28, 29, 30, 31

Tecnologia 5, 16, 17, 18, 19, 35, 96, 99, 164, 170, 171, 177, 219, 223, 227, 232, 234, 235, 236, 237, 242, 283

Tejido urbano 250, 252, 253, 261

Toma de decisiones 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 164, 170

Transporte urbano 179, 183

## W

William Harvey 65, 66, 72, 75

Work Design 227, 228, 231, 237, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249